



UC/FPCE_2016

Universidade de Coimbra
Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação

As Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) e o Funcionamento Familiar de Famílias com Filhos Adolescentes: Comparação de diferentes grupos de utilizadores das TIC

Ana Margarida Oliveira Pimenta Cardoso
(e-mail: margarida.fpceuc@gmail.com)

Dissertação de Mestrado Integrado em Psicologia, área de especialização em Psicologia Clínica e da Saúde, subárea de especialização em Psicoterapia Sistémica e Familiar, sob a orientação da Professora Doutora Luciana Sotero

As Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) e o Funcionamento Familiar de Famílias com Filhos Adolescentes: Comparação de diferentes grupos de utilizadores das TIC

Resumo: As Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) assumem hoje em dia um papel importante na sociedade, o que torna relevante investigar quais as implicações que a inserção das tecnologias acarreta no quotidiano familiar e no estilo de vida de cada um de nós. De modo a contribuir para o conhecimento em torno desta temática, o presente estudo tem como objetivo comparar o funcionamento familiar em diferentes grupos de utilizadores das TIC. Para o efeito, foi recolhida uma amostra de 55 famílias com filhos adolescentes, num total de 167 participantes e utilizaram-se os instrumentos *Emerging Technologies & Families Survey* (SETF/ETEF) e o *Systemic Clinical Outcome and Routine Evaluation* (SCORE-15) para avaliar, respetivamente, a utilização das TIC e o funcionamento familiar. Os resultados revelaram a existência de dois grupos distintos de utilizadores das TIC: um grupo que utiliza as TIC mais frequentemente e de forma mais diversificada (Grupo de Utilizadores Especialistas) e outro que se caracteriza pela menor frequência e diversidade de utilização (Grupo de Utilizadores Tradicionais). A comparação dos dois grupos de utilizadores permitiu verificar que o Grupo de Utilizadores Especialistas evidencia um melhor funcionamento familiar, uma melhor comunicação familiar e menores dificuldades familiares, comparativamente ao Grupo de Utilizadores Tradicionais. Espera-se que estes resultados sejam um contributo para esta área de investigação e que possam ter repercussões clínicas no trabalho de intervenção levado a cabo com famílias com filhos adolescentes.

Palavras chave: Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC), Funcionamento Familiar, Famílias com Filhos Adolescentes, Grupos de Utilizadores das TIC.

The Information and Communication Technologies (ICT) and Family Functioning in Families with Adolescent Children: Comparison of different ICT user groups

Abstract: Information and Communication Technologies (ICT) play an important role in society nowadays, which makes it relevant to explore the kind of implications that the inclusion of technology brings about in the family's daily life and in the way of life of each one of us. In order to contribute to the understanding of this topic, the present study aims to explore the family functioning in different ICT user groups. To this purpose, a sample of 55 families with adolescent children was collected, for a total of 167 participants. The measures *Emerging Technologies & Families Survey* (SETF / ETEF) and *Systemic Clinical Outcome and Routine Evaluation* (SCORE-15) were used to evaluate, respectively, the use of ICT and family functioning. The results showed the existence of two different groups of ICT users: one group that uses the ICT more often and more diversely (Expert Users Group) and another that displays both a lower frequency and diversity of use (Traditional Users Group). The comparison between the two groups of users has led to conclude that the Expert Users Group shows better family functioning, better family communication and less family difficulties, when compared to the Traditional Users Group. It is expected that these results may act as a contribution to this area of research and also bring clinical implications to the intervention work carried out with families with adolescent children.

Key Words: Information and Communications Technologies (ICT), Family Functioning, Families with Adolescent Children, ICT User Groups.

Agradecimentos

À Professora Doutora Ana Paula Relvas, por manter os níveis de exigência sempre elevados e impulsionar a psicologia sistémica no seu crescimento contínuo.

À Professora Doutora Luciana Sotero por todo o empenho, dedicação e esforço. Por me fazer sempre acreditar que é possível continuar para alcançar a meta e objetivos estabelecidos.

À Mestre Joana Carvalho por toda a partilha do seu conhecimento do mundo das tecnologias, disponibilidade e ajuda incondicional.

À Mestre Gabriela Fonseca por toda a orientação inicial no meu percurso e disponibilidade em ajudar.

À Telma Guedes, minha companheira e amiga ao longo de todo o percurso, por toda a motivação, entusiasmo, tolerância, ajuda e por me ter feito acreditar sempre de que seríamos capazes.

À Joana Canheto e Inês Silvério, colegas de mestrado e amigas, por toda a partilha de emoções e sentimentos, ajuda, disponibilidade e apoio constante.

Às minhas colegas de casa, Cristiana, Ana, Verónica e Teresa, por toda a infinita paciência e tolerância ao longo do meu percurso académico e por transformarem os meus dias mais nublados em dias de sol radiante através de uma simples palavra ou gesto.

À “La Família”, família de praxe de Coimbra, pelo espírito inigualável, pela união e força das amizades que ficarão para a vida, pela partilha tão sincera e honesta de sentimentos verdadeiros, por nunca desistirem de mim.

Aos meus amigos de Coimbra, por terem feito desta cidade a minha nova casa, por se terem tornado os amigos “não de sempre, mas para sempre”, por serem o melhor destes 5 anos que “levo comigo p’ra vida”.

Aos meus amigos de Águeda, Mariana, Lisa, Margarida, Sara, Beatriz, Maria (Primas da Bianchi), Fábio, Tito e Paladino, pelas melhores amizades que ficarão até ao fim. Por todos os momentos inesquecíveis já vividos e pelos que ainda virão. Por tornarem os meus regressos a casa nos momentos de maior tranquilidade, partilha, entusiasmo e alegria. Por serem os que mais genuinamente me conhecem.

À Mariana Guarino, pela amizade sem fim e história genuína e sincera entre madrinha e afilhada que se construiu para a vida. Pela forma incomparável como me acolheu em Coimbra, como me deu a conhecer todas

as tradições, por todos os abraços e olhares de compreensão. Pela presença incondicional, por toda a ajuda e confiança que deposita em mim. Por ser insubstituível. Por ser a melhor.

À minha família. Aos meus avós, por me terem estragado com mimos e ao mesmo tempo me terem tornado na pessoa que sou. Por nunca terem duvidado das minhas capacidades e me motivarem a realizar os meus sonhos. Aos meus pais e irmã, a quem devo tudo o que sou hoje. Agradeço do fundo do meu coração por toda a presença nos melhores e piores momentos, esforço, dedicação, união e amor familiar. Por terem partilhado comigo todas as vitórias e derrotas desde sempre. Por me fazerem lutar, enfrentar desafios, alcançar metas e acima de tudo, acreditar em mim. Por serem as pessoas mais importantes da minha vida.

Índice

Introdução.....	1
I – Enquadramento conceptual.....	2
1.1 TIC: Definição e Tipos de Utilização	2
1.2. As TIC e o Funcionamento Familiar.....	3
1.3. As TIC e as Famílias com Filhos Adolescentes.....	6
II - Objetivos	8
III - Metodologia	8
3.1. Procedimentos de Recolha da Amostra.....	9
3.2. Caracterização da Amostra	9
3.3. Instrumentos	11
3.3.1. Questionário de Dados Sociodemográficos e Familiares. 11	
3.3.2. <i>Emerging Technologies & Families Survey</i> (SETF).....	11
3.3.3. <i>Systemic Clinical Outcome and Routine Evaluation</i> (SCORE-15)	12
3.4. Análises Estatísticas	13
IV - Resultados.....	14
4.1. Análises Preliminares.....	14
4.1.1. Análise Fatorial Exploratória (AFE) da FTAIS	14
4.1.2. Consistência interna da FTAIS e CFP.....	14
4.2. Identificação de Grupos de Utilizadores das TIC	15
4.2.1. Grupo de Utilizadores Tradicionais (GUT)	16
4.2.2. Grupo de Utilizadores Especialistas (GUE).....	16
4.3. Comparação do funcionamento familiar no GUT e GUE.....	17
4.3.1. Comparação dos Recursos Familiares no GUT e GUE ...	17
4.3.2. Comparação das Dificuldades Familiares no GUT e GUE	18
4.3.3. Comparação da Comunicação Familiar no GUT e GUE .	18
4.4. Comparação do Impacto das TIC nas Famílias no GUT e GUE	18
V - Discussão	18
VI - Conclusões.....	22
Bibliografia.....	24

Introdução

Em meados dos anos sessenta, conversar em tempo real em espaços físicos distintos e visualizando os diferentes interlocutores parecia apenas uma fantasia futurista (Prioste, 2013). Contudo, esta possibilidade parecia mais próxima na década de 90, período em que se deu a expansão da rede internacional de computadores. Tinha chegado a possibilidade de acesso a uma infinidade de dados e de informações, assim como a conexão de milhares de pessoas simultaneamente. Atualmente vivemos numa sociedade em rede (Ferreira, 2014) onde, indubitavelmente, o acesso às Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) tem trazido uma enorme revolução no nosso modo de vida (Prioste, 2013). Neste sentido, com o exponencial aumento no acesso às TIC, os novos hábitos de vida começam a afetar as relações interpessoais, as formas de socializar e até áreas tão diversificadas como a aprendizagem, a cultura e o lazer (Aponte, 2009).

A expansão das relações interpessoais no mundo virtual pode ter muitos benefícios, embora a existência de um mundo real seja sempre essencial (Sharif, 2011), nomeadamente ao nível do funcionamento familiar em que a tecnologia tanto pode ser benéfica como prejudicial. A “*Net Generation*”, também conhecida por geração de inovação das redes sociais, mostra como a tecnologia tem vindo a afetar as nossas vidas e os nossos valores, repercutindo-se numa transformação da sociedade (Tapscott, 2009). A Internet, por exemplo, emergiu como a “nova televisão”, com uma habilidade extraordinária de conectar globalmente as pessoas e permitindo a disseminação de informação, cessando com barreiras geográficas e políticas (Sharif, 2011). Atualmente a interação *online* é vista como um novo canal para a participação cívica e social, o que contribui para a crescente utilização das redes sociais (Best & Krueger, 2006). Estas passaram a ser uma ferramenta efetiva para comunicar e estabelecer amizades, podendo, contudo, conduzir ao desenvolvimento de comportamentos desajustados, tal como referem Milani, Osualdella e Di Blasio (2009).

Parece pertinente ponderar até que ponto as próximas gerações estarão imersas em tecnologias digitais (Tapscott, 2009), bem como compreender como serão as formas interativas e colaborativas de aceder à informação. Será que nos espera uma realidade apenas virtual? O que poderemos fazer para evitar que o mundo real não seja descurado no meio familiar? Tendo em conta a atualidade destas questões e compreendendo que os adolescentes são normalmente utilizadores entusiastas das TIC e que estas podem ter um efeito poderoso em variados aspetos do desenvolvimento de um adolescente, faz sentido procurar perceber qual a influência das mesmas no funcionamento das suas famílias.

Neste sentido, a presente investigação pretende contribuir para o estudo da relação entre a utilização das TIC e a perceção dos sujeitos acerca do funcionamento familiar, numa amostra de famílias com filhos adolescentes.

I – Enquadramento conceptual

1.1 TIC: Definição e Tipos de Utilização

As TIC, entendidas como recursos de *hardware* (e.g., computadores, *smartphones*, videojogos) e *software* (e.g., *email*, videoconferência, redes sociais) que suportam a cultura digital (Bacigalupe & Lambe, 2011; Houghton & Joinson, 2011; Stafford & Hillyer, 2012), integraram-se na vida familiar contemporânea de modo mais significativo nos últimos seis anos (Aponte, 2009; Bacigalupe & Lambe, 2011; Igartua & Moral, 2012; Lanigan, 2009; Miranda, 2015; Stern & Meser, 2009; Sttaford & Hillyer, 2012; Zhong, 2013). Vaz (2010) realça que as TIC se referem a todas as tecnologias utilizadas para criar, armazenar, processar e utilizar informação de diferentes tipos (dados, voz, som, imagem, multimédia) com o objetivo de facilitar e apoiar a comunicação. Atualmente, uma prática comum é o uso do *email*, e que representa mais de 85% do uso da Internet (Miranda, 2015), estando a sua utilização relacionada com objetivos de trabalho, tarefas específicas e manutenção de contacto com a família e amigos (Castells, 2003).

As TIC são frequentemente associadas às tecnologias mais sofisticadas como o computador, mas também abrangem tecnologias mais convencionais tais como a rádio, televisão e telefone (Reddi, 2006). Segundo o Programa de Desenvolvimento das Nações Unidas (*United Nations Development Programme*), as TIC são basicamente ferramentas de manipulação de informação e um conjunto variado de aplicações e serviços que são utilizados para produzir, armazenar, processar, distribuir e trocar informações (UNDP, 2014).

Segundo Brandtzæg (2010), os novos meios de comunicação social, como os múltiplos canais de televisão, jogos eletrónicos e uma variedade de serviços *online*, referem-se às tecnologias de comunicação que permitem ou facilitam a interatividade, tanto entre utilizadores como entre utilizadores e a informação. A diferente utilização destes meios, tanto na sua frequência como nas suas respetivas formas, conduz à distinção dos indivíduos consoante os diversos parâmetros, nomeadamente objetivos, finalidades e contextos. Desta forma, está não só em causa a versatilidade de funções que as TIC potenciam, como também as diferentes utilizações que os utilizadores delas fazem (Brandtzæg, 2010).

Para uma melhor compreensão do modo como as tecnologias se inserem no meio familiar, a Teoria da Domesticação (*Domestication Theory*) de Silverstone e Hirsch (1992) propõe que as TIC são introduzidas na vida dos indivíduos e que a sua utilização varia em função dos diferentes significados que adquirem. Dado que as TIC têm diferentes impactos no dia-a-dia dos utilizadores, é necessário investigar o contexto social, a relação entre a utilização das TIC e os significados que lhes são atribuídos (Lie & Sørensen, 1996).

A cultura, influenciada pelos valores e comportamentos normativos das pessoas, mudou drasticamente na última década (Sharif, 2011), o que se

tornou ainda mais evidente com o avanço da comunicação tecnológica que, sendo muitas vezes imparável e impessoal, pode enfraquecer a comunicação cara-a-cara (Burkitt, 2002).

Segundo Sharif (2011), desde 1990 que a comunicação eletrônica tem crescido na população, o que tem mostrado um desenvolvimento superficial de relações pessoais e a perda de interesse das relações no mundo real. A dependência do uso da Internet tem reduzido o tempo para outras atividades e contribuído para o potencial estado de desordem (Sharif, 2011). Contrariamente a estes aspetos negativos, existem autores que reivindicam que a comunicação *online* está positivamente correlacionada com a crescente conexão social e com o bem-estar (Valkenburg & Peter, 2009).

Tendo em consideração a complexidade do mundo tecnológico e a diversidade de formas de utilização da tecnologia, mostra-se pertinente recorrer a sistematizações que possibilitem identificar e descrever a variedade de formas que a utilização individual das TIC pode assumir. Estas permitem não só uma melhor compreensão das diversas utilizações dos meios de comunicação, mas também das necessidades e motivações subjacentes ao seu uso por parte de diferentes segmentos da população, bem como perceber possíveis implicações sociopsicológicas decorrentes da diversidade de utilizações por parte destes (Brandtzæg, 2010). Assim, de acordo com o *Media-User Typology (MUT)* (Brandtzæg, 2010) e a sistematização de Johnsson-Smaragdi (2001) são fornecidas categorizações que possibilitam identificar diferentes tipos de utilizadores e medir a heterogeneidade do seu comportamento face à utilização das TIC com base na frequência de utilização e na variedade das TIC (Johnsson-Smaragdi, 2001), bem como também pela preferência de atividades desenvolvidas e pelas plataformas utilizadas (Brandtzæg, 2010).

1.2. As TIC e o Funcionamento Familiar

O rápido desenvolvimento tecnológico tem-se refletido em mudanças na vida social e familiar (Aponte, 2009; Blinn-Pike, 2009). Segundo Stratton (2013), a forma como as relações são vivenciadas na família são fundamentais para o bem-estar de todos os membros. Compreende-se então que a introdução das tecnologias no contexto familiar acarreta uma preocupação em investigar o impacto que as TIC podem ter no funcionamento das famílias (Aponte, 2009).

O funcionamento familiar é entendido como o processo através do qual os membros de uma família interagem uns com os outros para satisfazer as necessidades básicas, tomar decisões, estabelecer regras e definir objetivos (Lanigan, 2009). Neste sentido, surgem teorias que se centram quer no impacto dos problemas no funcionamento familiar como também no papel e no apoio que cada elemento da família tem (Stratton, 2013). Sabe-se ainda que o funcionamento familiar pode ser avaliado tendo em conta três dimensões distintas (Stratton, 2013): 1) os recursos familiares, que descrevem as forças e capacidades que a família possui para se adaptar a

novas circunstâncias e gerir as dificuldades que podem surgir; 2) a comunicação na família que se refere aos padrões comunicacionais da família, e 3) as dificuldades familiares que descrevem as fragilidades existentes em cada família (Relvas & Major, 2014).

De acordo com Blinn-Pike (2009), a inclusão das TIC no contexto familiar implica uma interação bidirecional entre os membros da família e as tecnologias. Os elementos da família vão alterando a forma como veem a tecnologia, mudam o significado que lhe atribuem e, conseqüentemente, o impacto desta no funcionamento familiar altera-se. Assim sendo, pode-se desencadear outro tipo de mudanças na forma como os elementos interagem no meio familiar, isto é, se uma família se tornar mais coesa devido à crescente utilização das TIC, o significado face à tecnologia, bem como ao uso que dela fazem, pode conduzir à alteração do funcionamento e da cultura familiar (Carvalho, Francisco & Relvas, 2015).

Hertlein (2012) sugere ainda um outro modelo concetual do papel das TIC no dia-a-dia da vida familiar. Este Modelo Multiteórico (*Multitheoretical Model*) organiza a investigação sobre as tecnologias em três elementos principais que se relacionam entre si (Figura 1): (1) a perspetiva ecológica familiar, (2) a perspetiva estrutural-funcional e (3) a perspetiva interacionista-construcionista.

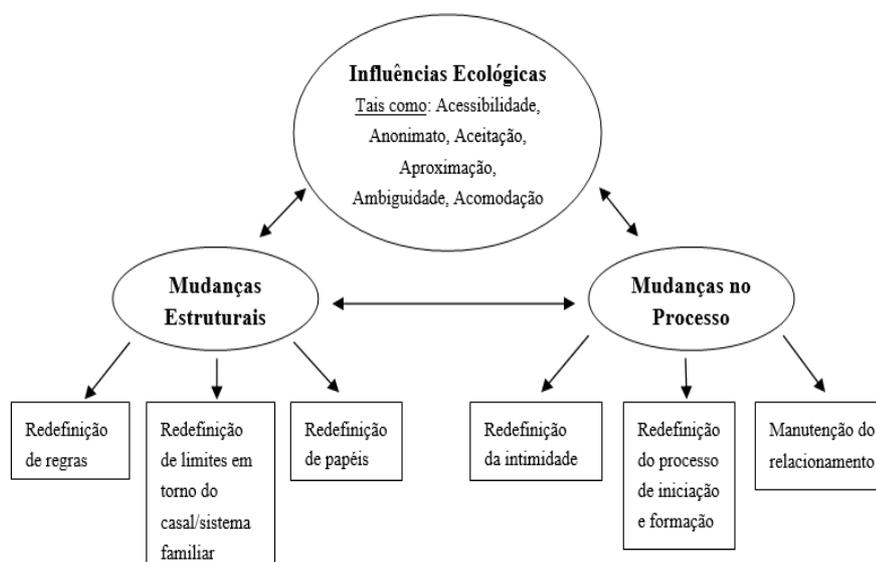


Figura 1. Modelo Multiteórico. Adaptado de Hertlein, 2012, pp. 375

Assim, a perspetiva ecológica familiar explora as mudanças que a interação tecnológica pode provocar nos relacionamentos familiares (Hertlein, 2012), sugerindo dois tipos de mudanças: na estrutura das relações (e.g., redefinição de regras, limites e papéis já existentes) ou no processo das mesmas (e.g., desenvolvimento das relações, interações e a sua manutenção). As mudanças na estrutura estão mais relacionadas com a perspetiva

estrutural-funcional enquanto as mudanças no processo se associam mais à perspectiva interacionista-construcionista (Hertlein, 2012). Assim sendo, este modelo permite observar que existe uma relação entre a utilização das TIC e a estrutura e o processo das relações familiares, podendo ter efeitos na redefinição da intimidade e no processo de iniciação e manutenção dos relacionamentos (Hertlein, 2012).

Deste modo, as famílias estão envolvidas em processos que vêem a utilização das TIC como um aspeto a ser negociado, apoiado e subvertido em momentos diferentes (Stevenson, 2011). Lanigan (2009) apresenta um modelo sociotecnológico com base na análise da perceção do impacto da utilização dos computadores nas relações familiares. De acordo com Mesch (2006), as tecnologias podem ser bastante vantajosas na medida em que facilitam a proximidade familiar, a comunicação, as experiências partilhadas e as diversas ligações que se estabelecem e desenvolvem entre os elementos da família. Esta posição tem vindo a ser corroborada pela literatura, uma vez que as famílias que utilizam as TIC com mais frequência são também as que apresentam um maior nível de coesão, adaptabilidade e comunicação entre os seus elementos (Mesch, 2009). Cardoso, Espanha e Lapa (2008) acrescentam ainda que a aproximação entre os membros da família surge devido à utilização das tecnologias. Esta ligação entre os elementos da família, tendo em consideração a utilização das TIC, foi também apresentada e corroborada recentemente por Williams e Merten (2011).

No entanto, outros estudos mostram uma associação negativa entre a frequência de utilização das novas tecnologias e a perceção da coesão familiar (Nie, Hillygus & Erbring, 2002). Nesse sentido, verifica-se que o aumento da frequência de utilização tecnológica se relaciona com a redução de tempo familiar e de intimidade entre os membros da família. Esta diminuição na quantidade e qualidade de tempo despendido com e na família conduz ao isolamento de cada um dos seus elementos e, conseqüentemente, a laços fracos e difusos entre todos, evitando um compromisso familiar a longo prazo (Bauman, 2000). Deste modo, e uma vez que a tecnologia e as relações virtuais estão cada vez mais presentes no quotidiano de muitas famílias, é possível hipotetizar-se que a crescente falta de comunicação presencial poderá vir a apresentar-se como uma realidade e, evidentemente, como um problema. Sendo assim, esta mudança radical afeta a unidade da família, pois elimina a interação familiar na sua rotina diária (Sharif, 2011).

Os métodos modernos de comunicação têm implicações a diversos níveis para diferentes famílias, particularmente quando a tecnologia é usada no contexto familiar. Por um lado, é estabelecida uma melhor ligação familiar com o aumento da utilização da tecnologia. Por outro, muita tecnologia em casa pode potenciar o isolamento de cada elemento, aumentando a comunicação e conectividade, mas reduzindo a intimidade e proximidade relacional entre todos (Williams & Merten, 2011). Com o aumento da utilização das TIC é ainda relatada uma maior exposição às dinâmicas relacionadas com a tecnologia fora do sistema familiar e a um

maior risco de experiências adversas *online* (Williams & Merten, 2011). Em síntese, encontramos-nos nesta área de investigação perante resultados inconsistentes, variando as consequências de utilização das TIC de um suporte social elevado, caracterizado por proximidade, intimidade e maior comunicação familiar, a um baixo nível de coesão familiar e progressivo isolamento dos membros da família (Carvalho et al., 2015).

1.3. As TIC e as Famílias com Filhos Adolescentes

É impossível pensar nesta etapa do ciclo vital da família sem ser como um período de grandes mudanças. Segundo Alarcão (2000), esta é a etapa mais longa e difícil do ciclo vital por exigir um equilíbrio entre as exigências do sistema familiar e as aspirações de cada membro. A gestão da relação pais-filhos constitui um desafio para todos, sendo clara a necessidade de que os pais se mantenham como o sistema executivo da família, bem como a importância da manutenção de relações verticais entre pais e filhos. Contudo, existe também a necessidade de reduzir a amplitude desta verticalidade, amplificando a negociação e a flexibilidade das regras familiares (Alarcão, 2000). A separação e a autonomia constituem também tarefas básicas desta etapa no plano comportamental e cognitivo, tanto para os adolescentes como para os pais.

Neste sentido, particularmente nesta fase do ciclo de vida das famílias, a utilização tecnológica tem vindo a causar transformações na interação familiar, nomeadamente ao nível da autonomia dos adolescentes, na medida em que estes jovens criam diversas relações virtuais através do uso do telemóvel e da Internet (Aponte, 2009), bem como em termos da autoridade parental, regras e controlo sobre a utilização da tecnologia (Cardoso et al., 2008).

As novas tecnologias são uma força importante na vida dos adolescentes e os aspetos positivos e negativos do uso da Internet na juventude têm sido amplamente discutidos (Williams & Merten, 2011). No entanto, segundo Subrahmanyam e Grenfield (2008), muitos fatores de “risco” associados à Internet e aos meios de comunicação social podem ser benéficos num contexto de maior segurança e proteção. A coesão da família, no que se refere à utilização da tecnologia, pode ser um importante moderador para distinguir o risco do benefício (Williams & Merten, 2011). Verifica-se que com a Internet, os jogos de vídeo, telemóveis, entre outras tecnologias, os jovens vão avançados no conhecimento e na sua utilização, estando os pais em clara desvantagem. Enquanto os adolescentes percecionam a Internet e os computadores como algo divertido, os pais consideram-nos realidades complexas, vinculadas ao *status* social (Beck, 2000). Assim, constata-se que o significado e utilização das TIC por parte de pais e adolescentes se revela distinta, levando inclusivamente os pais a questionar a sua autoridade (Sala & Blanco, 2005). e os valores familiares tradicionais (Beck, 2000), bem como pode conduzir à individualização e privatização de atividades e espaços de lazer (Cardoso et al., 2008).

Estudos recentes realizados no Serviço de Intervenção nos Comportamentos Aditivos e nas Dependências (SICAD; Viana, 2016) apontam para a possível influência de uma “nova dependência” na redução dos consumos de álcool, drogas e tabaco: o uso intensivo da Internet por parte dos jovens (Silva, 2014). Esta “dependência” faz com que cada vez mais os jovens passem mais tempo em casa e daí a sua possível contribuição para a redução de outros consumos (Viana, 2016). A esta dependência acresce ainda a mudança de atitudes e valores dos adolescentes, nesta etapa do ciclo vital da família, bem como o facto de alguns relegarem para segundo plano o percurso académico para se isolarem no quarto a jogar no computador, amizades de infância que se vão desvanecendo em detrimento do mundo *online* e mudanças de comportamento que incluem casos de violência face ao insucesso num jogo digital (Cardoso et al., 2008; Bacigalupe & Camara, 2011; Silva, 2014).

A “cultura de rua” tem assim sido substituída por uma “cultura de quarto” (Bacigalupe, 2011; Mesch, 2006), onde os adolescentes permanecem isolados nos seus quartos a brincar ou a comunicar virtualmente com os seus amigos. Pode afirmar-se que o sistema dos meios de comunicação social no espaço público tem invadido o espaço privado do quarto das novas gerações (Cardoso et al., 2008).

Um dos temas mais abordados em diversos estudos (Williams & Merten, 2011) prende-se com o facto de saber como os pais e os seus filhos adolescentes interagem sobre as atividades da Internet destes, nomeadamente procurando perceber se os pais estão conscientes do nível de envolvimento dos filhos com a Internet e quais as formas de monitorização adotadas pelos pais de forma a manter os adolescentes seguros *online* (Williams & Merten, 2011). De acordo com Cardoso, Espanha e Lapa (2008), alguns dos motivos de discussão entre pais e filhos relacionam-se com o que os jovens gastam, despendem e fazem quando estão ligados à Internet, existindo, porém, uma maior percentagem de raparigas com discussões familiares relacionados com estes temas. Verifica-se também que entre os mais novos existem menos discussões com os pais, o que remete para um controlo parental mais rígido quanto ao acesso às TIC (Cardoso et al., 2008).

Também se observou, em estudos anteriores, que os adolescentes com elevada experiência na *WEB* tornam-se mais críticos e menos confidentes, relativamente a adolescentes com pouca experiência virtual. Estes dados da investigação parecem indicar que tal experiência pode influenciar as próprias características individuais destes jovens (Dinet, Marquet & Nissen, 2003).

A Internet pode ainda ser uma via para os adolescentes se expressarem, divulgarem informações pessoais e socializarem com os outros (Lenhart & Fox, 2006). Mazur (2005) constatou que os adolescentes usam a Internet para discutir uma variedade de tópicos, incluindo temas como: romance, amigos, pais, cultura popular, uso de substâncias, sexualidade e depressão. No entanto, os pais e os adolescentes não partilham a mesma

definição de monitorização, nem têm experiências semelhantes quanto à utilização das tecnologias (Wang, Bianchi & Raley, 2005).

Em suma, estudos recentes mostram que a utilização das TIC tem o potencial de afetar o sistema familiar. Alguns estudos evidenciam uma relação positiva entre a frequência de utilização das TIC e a qualidade do tempo que os pais e adolescentes partilham, sugerindo que a Internet se tornou uma nova atividade familiar e uma nova oportunidade para partilharem o tempo juntos (Miranda, 2015). Inversamente, outros estudos sugerem que a introdução da Internet está a criar novos conflitos, afetando negativamente a qualidade dos relacionamentos entre os pais e os filhos adolescentes (Mesch, 2003).

II - Objetivos

A presente investigação visa analisar em famílias com filhos adolescentes a relação entre o padrão de utilização individual das TIC, medido pelo *Emerging Technologies and Families Survey* (SETF), e o funcionamento familiar, medido pelo *Systemic Clinical Outcome Routine Evaluation* (SCORE-15). Com vista à operacionalização deste objetivo geral foram realizados estudos preparatórios, de modo a contribuir para a validação e adaptação portuguesa das escalas do SETF.

Mais concretamente, esta investigação tem como objetivos específicos:

1. Identificar diferentes padrões de utilização das TIC, atendendo aos tipos de tecnologias usadas (e.g., email, telefone, Internet, etc.) e à frequência de utilização (e.g., semanalmente, mais de 3 horas por dia, etc.);
 - 1.1 Caracterizar os grupos identificados com base nas variáveis sociodemográficas (e.g., nível socioeconómico, nível de escolaridade, etc.);
2. Comparar os diferentes grupos de utilizadores das TIC ao nível:
 - 2.1. Do funcionamento familiar;
 - 2.1.1. Dos recursos familiares;
 - 2.1.2. Das dificuldades familiares;
 - 2.1.3. Da comunicação familiar;
 - 2.2. Da perceção do impacto das TIC na família.

III - Metodologia

Com o intuito de clarificar a metodologia utilizada nesta investigação, a presente secção descreverá detalhadamente as etapas seguidas. Num primeiro momento faz-se a descrição do processo de recolha da amostra, bem como a sua caracterização. De seguida, é apresentada a descrição dos instrumentos utilizados e, finalmente, serão apresentadas as análises estatísticas realizadas.

3.1. Procedimentos de Recolha da Amostra

Este estudo integra-se num projeto de investigação mais alargado sobre a vivência das famílias portuguesas na atualidade, coordenado pela Professora Doutora Ana Paula Relvas, no qual participaram duas alunas de Doutoramento¹ e quatro alunas do Mestrado Integrado em Psicologia, subárea de especialização em Psicoterapia Sistémica e Familiar, da Universidade de Coimbra. Com esse propósito, foi construído um protocolo de investigação mais vasto, que inclui instrumentos e dimensões que não serão consideradas no presente estudo.

A amostra de conveniência foi recolhida junto da rede de contactos de cada um dos membros da equipa de investigação, entre dezembro de 2015 e abril de 2016, com recurso ao método de bola de neve. Os critérios de inclusão utilizados nesta amostra foram os seguintes: 1) pais e mães com filhos adolescentes a residir no seu agregado e 2) filhos com idades compreendidas entre os 12 e os 17 anos².

Antes da aplicação do protocolo de investigação, foi apresentada aos sujeitos uma carta-convite, da qual constavam os objetivos da investigação e alguns esclarecimentos relativos à confidencialidade dos dados, à voluntariedade da participação e ao consentimento informado.

Antes de se proceder à recolha da amostra, levou-se a cabo um estudo-piloto, ou seja, um estudo em pequena escala que pretendeu ajudar à preparação do estudo posterior (Polit-O'Hara, & Beck, 2006). Este estudo contou com a colaboração de seis participantes e serviu para identificar potenciais problemas que poderiam surgir na prática, para a correção de algumas questões consideradas pelos respondentes como menos claras e também para definir quanto tempo seria necessário para concluir o preenchimento do protocolo de investigação (Van Teijlingen, Rennie, Hundley, & Graham, 2001).

3.2. Caracterização da Amostra

A amostra analisada é constituída por 55 famílias com filhos adolescentes, num total de 167 sujeitos, dos quais 59.9% são do sexo feminino ($n = 100$) e 40.1% do sexo masculino ($n = 67$). Quanto às idades, os filhos adolescentes têm uma média de idades de 15.35 anos ($DP = 1.52$), as mães uma média de 43.67 anos ($DP = 4.74$) e os pais de 49.47 anos ($DP = 3.32$). Relativamente à escolaridade, o nível de escolaridade mais representado é o 3º Ciclo do Ensino Básico, com 39.5% dos sujeitos. Os restantes sujeitos dividem-se pelos outros níveis de escolaridade, conforme

¹ Uma das investigações, conduzida pela Mestre Joana Carvalho, é financiada com uma bolsa de doutoramento (SFRH/BD/109996/2015) da Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT).

² Esta classificação foi definida segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS) que marca o início da adolescência aos 12 anos. O final da adolescência foi definido aos 17, uma vez que, em Portugal, os 18 anos representam a idade em que os sujeitos atingem a maioridade.

apresentado na Tabela 1. No que se refere à situação laboral, pode verificar-se que a amostra é composta maioritariamente por empregados a tempo integral (42,5%) e estudantes (40.1%), sendo os restantes sujeitos desempregados, reformados e empregados a tempo parcial. No que diz respeito à zona de residência, os sujeitos provêm de zonas urbanas ($n = 71$, 42.5%), zonas moderadamente urbanas ($n = 51$, 30.5%) e zonas rurais ($n = 39$, 23.4%).

Tabela 1. Caracterização Sociodemográfica da Amostra

Caraterísticas sociodemográficas			
Variáveis	Categorias	<i>n</i>	%
Sexo	Feminino	100	59.9
	Masculino	67	40.1
Elemento da família	Filho/a adolescente	69	41.3
	Mãe	55	32.9
	Pai	43	25.8
Escolaridade	4º ano	4	2.4
	6º ano	17	10.2
	9º ano	66	39.5
	12º ano	32	19.2
	Licenciatura	28	16.8
	Mestrado	4	2.4
	Doutoramento	3	1.8
	Outro	9	5.4
	Ausente	4	2.4
Profissão	Estudante	67	40.1
	Desempregado	10	6.0
	Reformado	2	1.2
	Empregado a tempo parcial	6	3.6
	Empregado a tempo integral	71	42.5
	Ausente	11	6.6
Zona de residência	Urbana	71	42.5
	Moderadamente urbana	51	30.5
	Rural	39	23.4
Nível Socioeconómico	Baixo	54	32.3
	Médio	24	14.4
	Alto	89	53.3

A classificação utilizada na definição do nível socioeconómico teve por base a categorização de Simões (1994), a partir do cruzamento da informação relativa à profissão principal e ao nível de escolaridade. Tal como demonstrado na Tabela 1, existem 89 sujeitos no nível alto (53.3%), 54 no nível socioeconómico baixo (32.3%) e 24 no nível médio (14.4%).

Relativamente às características familiares, como podemos verificar na Tabela 2, a maioria das famílias são nucleares intactas ($n = 43$, 78.18%), existindo também famílias monoparentais ($n = 6$, 10.91%), famílias

reconstituídas ($n = 4$, 7.27%) e famílias pós-divórcio ($n = 2$, 3.64%). Quanto ao número de elementos por agregado familiar, a percentagem mais elevada remete para 4 elementos ($n = 19$, 34.55%).

Tabela 2. Características Familiares da Amostra

		<i>n</i>	%
Tipo de Família	Família Nuclear Intacta	43	78.18
	Família Reconstituída	4	7.27
	Família Monoparental	6	10.91
	Família Pós-Divórcio	2	3.64
Número de elementos	2	5	9.09
	3	16	29.09
	4	19	34.55
	5	10	18.18
	6	2	3.64
	7	2	3.64
	8	1	1.81

3.3. Instrumentos

3.3.1. Questionário de Dados Sociodemográficos e Familiares

Este questionário de autorresposta foi elaborado pela equipa de investigação, com o objetivo de identificar as características dos participantes, tanto ao nível sociodemográfico, como em termos familiares. No que se refere às informações sociodemográficas, foram recolhidas informações pessoais tais como o sexo, o estado civil, a nacionalidade, o local de residência, a idade e o nível socioeconómico. No que se reporta às características familiares, o questionário permite identificar o papel do respondente no agregado familiar (pai, mãe ou filho adolescente), qual a composição deste (número de elementos, grau de parentesco) e a etapa do ciclo vital em que se encontra a família de acordo com a classificação de Relvas (1996).

3.3.2. *Emerging Technologies & Families Survey (SETF; Bacigalupe, Camara & Buffardi, 2014)*

O SETF tem como objetivo caracterizar a utilização das TIC e a perceção dos sujeitos acerca do impacto das mesmas na família. A versão utilizada neste estudo foi adaptada para o contexto português por Carvalho, Francisco, Bacigalupe e Relvas (2016). O SETF é constituído por sete escalas, sendo que as quatro primeiras são descritivas e têm como finalidade avaliar o tipo de utilização das TIC, nomeadamente: (1) conhecer o tipo de TIC usadas (e.g., *email, telemóvel, redes sociais*); (2) definir o tempo de utilização (e.g., *1 vez por semana, até 3 horas por dia, mais de 12 horas por dia*); (3) determinar a finalidade de utilização (e.g., *profissional, entretenimento*) e (4) definir o contexto de utilização (e.g., *trabalho, casa*,

em mobilidade).

A quinta escala (5) *Family Technology Adoption Scale* (FTAIS) pretende avaliar a percepção do impacto das TIC na família e é composta por dez itens que são avaliados numa escala de *Likert* (1 = *Concordo Muito* a 5 = *Discordo Muito*). Cinco dos itens são relativos ao impacto positivo (e.g., *As TIC promovem uma boa comunicação na família*) e os outros cinco são relativos ao impacto negativo (e.g., *As TIC interferem com as regras familiares*). Os valores mais elevados indicam uma percepção mais positiva quanto ao impacto das TIC na família (Bacigalupe et al., 2014). Na versão original, Bacigalupe et al. (2014) encontraram uma consistência interna razoável ($\alpha = .78$) nos estudos realizados com esta escala (Pestana & Gageiro, 2008).

A sexta escala integrada no SETF é a (6) *Clinical Family Problems* (CFP), a qual é constituída por 11 itens em que é pedido aos sujeitos que identifiquem as situações com as quais se depararam ao utilizar as TIC, respondendo de um modo dicotómico (*Sim* ou *Não*). Três dos itens da CFP são relativos a aspetos positivos (e.g., *Utilização das TIC para contactar a família distante*) e oito itens relativos a situações negativas (e.g., *Discussões sobre o tempo de utilização das TIC*). Os valores mais elevados indicam um maior número de problemas familiares relacionados com as TIC. O *Alpha de Cronbach* reportado nos estudos originais é de .64, indicando uma consistência interna fraca (Pestana & Gageiro, 2008).

Por fim, a última escala que compõe o SETF refere-se à (7) *Clinical Technology Attitudes* (CTA) e avalia a utilidade e facilidade de utilização das TIC, tal como a intenção da sua utilização no futuro. Esta escala é constituída por quatro itens e é utilizada uma escala de resposta de *Likert* com cinco opções de resposta (1 = *Concordo Totalmente* a 5 = *Discordo Totalmente*). Em termos de interpretação, valores mais elevados indicam uma melhor atitude face às tecnologias (Carvalho et al., 2016).

3.3.3. *Systemic Clinical Outcome and Routine Evaluation* (SCORE-15; Stratton, Bland, Janes & Lask, 2010)

Neste estudo foi utilizada a versão do SCORE-15 adaptada para a população portuguesa por Vilaça, Silva e Relvas (2014), a partir da versão original de 40 itens (SCORE-40). É um instrumento de autorrelato que avalia diversos aspetos do funcionamento familiar sensíveis à mudança terapêutica, contendo 15 itens distribuídos por três dimensões (cinco em cada dimensão): (1) *Recursos Familiares* (e.g., *Somos bons a encontrar novas formas de lidar com as dificuldades*), (2) *Comunicação na Família* (e.g., *Na minha família muitas vezes não se diz a verdade uns aos outros*) e (3) *Dificuldades Familiares* (e.g., *Sentimos que é difícil enfrentar os problemas do dia-a-dia*; Vilaça et al., 2014).

Os itens são pontuados numa escala de *Likert* que varia de um (*Descreve-nos muito bem*) a cinco (*Descreve-nos muito mal*), relativamente

a uma série de afirmações que se relacionam com a vida familiar (Vilaça et al., 2014). Quanto à interpretação dos dados, os resultados mais baixos equivalem a um melhor funcionamento familiar (Vilaça et al., 2014). Para além da pontuação total, pode ainda obter-se a pontuação para cada uma das três dimensões.

Nos estudos originais (Stratton et al., 2010), tanto na amostra clínica como na não-clínica, o resultado total da escala revelou uma elevada consistência interna, ($\alpha = .93$ e $\alpha = .90$, respetivamente). A adaptação portuguesa (Vilaça et al., 2014) exhibe bons níveis de consistência interna (Pestana & Gageiro, 2008) tanto na pontuação total ($\alpha = .84$), como nas subescalas (1) *Recursos Familiares* ($\alpha = .85$), (2) *Comunicação Familiar* ($\alpha = .83$) e (3) *Dificuldades Familiares* ($\alpha = .82$) (Vilaça et al., 2014).

Nos estudos de fiabilidade realizados na presente amostra obtiveram-se os seguintes resultados: *score* total ($\alpha = .92$), *Recursos Familiares* ($\alpha = .78$), *Comunicação Familiar* ($\alpha = .85$) e *Dificuldades Familiares* ($\alpha = .86$), os quais indicam uma boa fiabilidade, com valores semelhantes aos obtidos pelos autores da adaptação portuguesa (Vilaça et al., 2014).

3.4. Análises Estatísticas

Para o tratamento estatístico dos dados desta investigação recorreu-se à utilização do programa *Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS, versão 22.0). Numa primeira fase foram efetuadas uma série de tarefas preliminares, tais como a inversão de itens negativos do SCORE-15, da FTAIS e CFP. Procedeu-se também ao cálculo dos totais e somatórios das subescalas do SCORE-15 (*Recursos familiares*, itens 1, 3, 6, 10 e 15; *Comunicação familiar*, itens 2, 4, 8, 12 e 13; *Dificuldades familiares*, itens 5, 7, 9, 11 e 14). Outra das tarefas preliminares consistiu em testar os pressupostos de normalidade da distribuição das respostas aos fatores e à escala total (teste de *Kolmogorov-Smirnov* e *Shapiro-Wilk*). Foram ainda efetuadas estatísticas descritivas, medidas de localização e tendência central (média aritmética) e medidas de dispersão (desvio-padrão).

Seguidamente, foi realizada uma Análise Fatorial Exploratória (AFE) da escala FTAIS, de modo a evidenciar a estrutura implícita nos dados iniciais e identificar fatores independentes. A consistência interna da FTAIS e da CFP foi avaliada através do *Alpha de Cronbach*.

Posteriormente, de modo a identificar grupos com diferentes padrões de utilização individual das TIC, recorreu-se ao procedimento estatístico de *Two Step Cluster*, o qual permite analisar de um modo flexível conjuntos de variáveis contínuas e categoriais (Egea, Menéndez, & González, 2006). Para aumentar a eficiência desta análise, de modo a reduzir a dispersão dos dados, foram criadas quatro categorias relativas à frequência de utilização das TIC, nomeadamente *Nunca*, *Semanalmente*, *Até três horas por dia* e *Mais de três horas por dia*. Do mesmo modo, para facilitar a análise dos dados, foram criadas duas categorias de sujeitos: 1) os *Pais*, que agrupa pais e mães e 2) os *Filhos*, que agrupa filhos adultos e adolescentes.

Por fim, no que concerne às análises de estatística inferencial, recorreremos ao teste *t* de Student para amostras independentes, com vista à comparação dos resultados gerais entre os grupos de utilizadores das TIC.

IV - Resultados

4.1. Análises Preliminares

4.1.1. Análise Fatorial Exploratória (AFE) da FTAIS

De notar que, foi utilizada na AFE uma amostra de maiores dimensões (Pestana & Gageiro, 2008), composta por 483 sujeitos. Esta amostra foi recolhida no âmbito do projeto de investigação referido na secção 3.1.

Tabela 3. Distribuição dos itens da FTAIS pelos respetivos fatores

Item	Fator 1	Fator 2
3 - As TIC interferem com as regras familiares	0.689	
7 - As TIC interferem na intimidade familiar	0.790	
9 - As TIC tornam a família mais vulnerável	0.687	
1 - As TIC reduzem o tempo passado em família	0.533	
5 - As TIC facilitam as relações entre gerações	0.743	
2 - As TIC promovem uma boa comunicação na família		0.631
4 - As TIC melhoram a coesão familiar		0.733
6 - As TIC facilitam as relações entre gerações		0.512
8 - As TIC acompanham as mudanças da família ao longo do tempo		0.506
10 - As TIC ajudam as famílias a ultrapassar dificuldades		0.602
% variância explicada	25.27%	18.40%
% variância explicada total		43.47%
A	.815	.729
α Total		.716

Os 10 itens da FTAIS foram submetidos a uma AFE através do método de factorização do eixo principal, com retenção de fatores mediante o critério de Kaiser (Pallant, 2013). A AFE revela a presença de 2 fatores com *eigenvalues* superiores a 1, com capacidade de explicar 43.67% da variância total, explicando o primeiro fator 25.27% da variância e o segundo 18.40%. Para ajudar na interpretação dos fatores, foram repetidas as análises com rotação *varimax*, seguindo o pressuposto teórico de que os fatores são independentes (Pestana & Gageiro, 2008). Tal como consta da Tabela 3, a solução rodada revelou novamente uma estrutura bifatorial. Ao distribuir os itens pelos fatores (considerando o valor da sua saturação), ambos os fatores incluem cinco itens. O total da escala representada pela estrutura final e o total dos 10 itens iniciais revelam uma correlação de .716 ($p < .05$), o que indica níveis de consistência razoáveis (Pestana & Gageiro, 2008).

4.1.2. Consistência interna da FTAIS e CFP

Para a amostra em estudo ($n = 167$) foi calculado o *Alpha de Cronbach* (α) como indicador da consistência interna da FTAIS e da CFP. No caso da FTAIS, verificou-se que a escala apresenta uma consistência interna minimamente aceitável ($\alpha = .682$), uma vez que, segundo Kline

(1986, cit. Simões, 1994), os valores entre .65 e .68 são considerados francamente aceitáveis. Na CFP a variabilidade das respostas a cada um dos itens não é suficiente para explicar a variabilidade do total do instrumento, o que é demonstrado por uma baixa consistência interna da escala ($\alpha = .438$) (Pestana & Gageiro, 2008).

4.2. Identificação de Grupos de Utilizadores das TIC

Com base na análise *Two Step Cluster* foi possível identificar dois *clusters*, ou seja, dois grupos distintos de utilizadores das TIC, atendendo à frequência e diversidade de utilização das TIC.

Tabela 4. Categorias mais frequentes de utilização das TIC e respetiva importância preditiva

Categoria	Importância	Grupo 1	Grupo 2
		Categoria mais frequente (%)	Categoria mais frequente (%)
<i>Smartphone</i>	1.00	Nunca (61.0%)	Mais de 3 horas por dia (68.6%)
Telemóvel	0.90	Até 3 horas por dia (61.0%)	Nunca (60.0%)
Redes Sociais	0.54	Nunca (42.4%)	Até 3 horas por dia (45.7%)
Internet	0.45	Até 3 horas por dia (44.1%)	Mais de 3 horas por dia (34.3%)
Videoconferência	0.36	Nunca (81.4%)	Semanalmente (50.0%)
<i>Email</i>	0.35	Até 3 horas por dia (33.9%)	Semanalmente (64.3%)
Computador portátil	0.33	Nunca (40.7%)	Semanalmente (51.4%)
<i>Tablet</i>	0.24	Nunca (62.7%)	Semanalmente (45.7%)
Página web	0.19	Nunca (100%)	Nunca (78.6%)
Vídeo jogos	0.14	Nunca (89.8%)	Nunca (65.7%)
Computador de secretária	0.1	Nunca (55.9%)	Nunca (67.1%)
Telefone fixo	0.10	Semanalmente (52.5%)	Semanalmente (55.7%)
<i>eBooks</i>	0.02	Nunca (98.3%)	Nunca (95.7%)

O tamanho do menor *cluster* é 59 (45.7%) e o do maior *cluster* é 70 (54.3%), sendo a proporção de tamanhos entre o maior e o menor *cluster* de 1,19. Com base na categorização de Johnsson-Smaragdi (2001), foi possível nomear os dois grupos de acordo com a frequência e diversidade de utilização, nomeadamente o grupo 1 foi designado de Grupo de Utilizadores Tradicionais (GUT) e o grupo 2 de Grupo de Utilizadores Especialistas (GUE). Da Tabela 4 constam as categorias de resposta mais frequentes em cada grupo, assim como a respetiva importância preditiva, isto é, a capacidade que cada uma das variáveis tem para distinguir os grupos (Egea et al., 2006).

4.2.1. Grupo de Utilizadores Tradicionais (GUT)

Tal como é possível verificar na Tabela 5, este grupo é constituído por 59 sujeitos, o que constitui 45.7% da amostra total, com uma idade média de 40.46 anos ($DP = 12.23$). É composto por 50 pais (84.7%) e por 9 filhos (15.3%), sendo que 33 são do sexo feminino (55.9%) e 26 são do sexo masculino (44.1%). Quanto ao nível socioeconómico, 44.1% ($f = 26$) corresponde ao nível ao alto, 35.6% ($f = 21$) ao nível baixo e 20.3% ao nível médio ($f = 12$). No que concerne ao nível de escolaridade, a maior percentagem remete para o 9º ano (29.3%). Este é um grupo que dá preferência a tecnologias de informação e de comunicação de carácter mais tradicional (Reddi, 2006), uma vez que é dada primazia ao telemóvel, Internet, *email* e telefone fixo (cf. Tabela 4).

Tabela 5. Características do Grupo de Utilizadores Tradicionais (GUT)

Variáveis	Categoria	<i>f</i>	%
Sexo	Feminino	33	55.9
	Masculino	26	44.1
Elemento da Família	Pais	50	84.7
	Filhos	9	15.3
Nível Socioeconómico	Baixo	21	35.6
	Médio	12	20.3
	Alto	26	44.1
Nível de Escolaridade	4º ano	3	5.2
	6º ano	5	8.6
	9º ano	17	29.3
	12º ano	13	22.4
	Licenciatura	12	20.7
	Mestrado	3	5.2
	Doutoramento	1	1.7
	Outro	4	6.9

4.2.2. Grupo de Utilizadores Especialistas (GUE)

Este grupo de utilizadores das TIC é composto por 70 sujeitos, o que representa 54.3% da amostra total, com uma idade média de 23 anos ($DP = 12.77$). É composto por 19 pais (27.1%) e por 51 filhos (72.9%), sendo que 46 são do sexo feminino (65.7%) e 24 são do sexo masculino (34.3%). Quanto ao nível socioeconómico, 55.7% corresponde ao nível alto ($f = 39$), 32.9% ($f = 23$) corresponde ao nível baixo e 11.4% ao nível médio ($f = 8$). No que concerne ao nível de escolaridade, a maior percentagem remete para o 9º ano de escolaridade (61.2%). Este é um grupo que dá preferência à utilização de novas tecnologias (Bacigalupe & Lambe, 2011; Carvalho et al., 2015), uma vez que a maior parte dos utilizadores usa *smartphone*, redes sociais, Internet, videoconferência, *email*, computador portátil, *tablet* e

telefone fixo (cf. Tabela 4).

Tabela 6. Características do Grupo de Utilizadores Especialistas (GUE)

Variáveis	Categoria	<i>f</i>	%
Sexo	Feminino	46	65.7
	Masculino	24	34.3
Elemento da Família	Pais	19	27.1
	Filhos	51	72.9
Nível Socioeconómico	Baixo	23	32.9
	Médio	8	11.4
	Alto	39	55.7
Nível de Escolaridade	4º ano	0	0
	6º ano	8	11.9
	9º ano	41	61.2
	12º ano	9	13.4
	Licenciatura	5	7.5
	Mestrado	0	0
	Doutoramento	1	1.5
	Outro	3	4.5

4.3. Comparação do funcionamento familiar no GUT e GUE

Através do teste *t* para amostras independentes foi comparado o funcionamento familiar nos dois grupos de utilizadores das TIC. Tal como é possível verificar na Tabela 7, foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre o *score* total do GUT ($M = 33.85$, $DP = 10.17$) e do GUE [$M = 29.27$, $DP = 11.05$; $t(112) = 2.26$, $p = .026$]. De acordo com os dados obtidos, o GUT revela um pior funcionamento familiar, comparativamente ao GUE. A magnitude das diferenças nas médias é pequena ($\eta^2 = .044$).

Tabela 7. Comparação do funcionamento familiar no GUT e GUE

	<i>t</i>	<i>df</i>	<i>p</i>
SCORE-15 total	2.26*	112	.026
Recursos familiares	-.18	122	.854
Dificuldades familiares	2.87*	119	.005
Comunicação familiar	3.1*	117	.002

* $p < .05$; ** $p < .001$

4.3.1. Comparação dos Recursos Familiares no GUT e GUE

O teste *t* para amostras independentes foi novamente usado para comparar os recursos familiares nos dois grupos de utilizadores das TIC. Com base nos resultados obtidos, não existem diferenças estatisticamente significativas nos recursos familiares do GUT ($M = 1.95$, $DP = 0.63$) e do GUE [$M = 1.97$, $DP = .80$; $t(122) = -.18$, $p = .854$], revelando assim

resultados semelhantes nos recursos familiares para os dois grupos (cf., Tabela 7).

4.3.2. Comparação das Dificuldades Familiares no GUT e GUE

Para comparar as dificuldades familiares nos dois grupos de utilizadores das TIC foi novamente usado o teste *t* para amostras independentes. Como é possível observar na Tabela 7, existem diferenças estatisticamente significativas nas dificuldades familiares entre os dois grupos, GUT ($M = 2.43$, $DP = 0.97$) e GUE [$M = 1.97$, $DP = 0.79$; $t(119) = 2.87$, $p = .005$], apontando os resultados para a existência de mais dificuldades familiares no GUT. A magnitude das diferenças nas médias é moderada ($\eta^2 = .065$).

4.3.3. Comparação da Comunicação Familiar no GUT e GUE

Recorrendo ao teste *t* para amostras independentes, com o intuito de comparar a comunicação familiar nos dois grupos de utilizadores das TIC, verificou-se que existem diferenças estatisticamente significativas na comunicação familiar do GUT ($M = 2.45$, $DP = 0.98$) e do GUE [$M = 1.93$, $DP = 0.85$; $t(117) = 3.1$, $p = .002$]. A magnitude das diferenças nas médias é moderada ($\eta^2 = .076$) e os resultados obtidos evidenciaram que o GUT apresenta mais problemas na comunicação familiar, comparativamente ao GUE.

4.4. Comparação do Impacto das TIC na Família no GUT e GUE

A comparação da percepção do impacto das TIC na família nos dois grupos de utilizadores foi também realizada através de um teste *t* para amostras independentes. Na Tabela 8 observa-se que não existem diferenças significativas entre os dois grupos: o GUT ($M = 32.73$, $DP = 3.57$) e o GUE [$M = 31.98$, $DP = 5.62$; $t(116) = 0.84$, $p = .401$]. Ou seja, os dois grupos de utilizadores das TIC não se diferenciam no que diz respeito à percepção acerca do impacto das TIC na família.

Tabela 8. Teste de amostras independentes entre o GUT e o GUE na Percepção do Impacto das TIC

	<i>t</i>	<i>df</i>	<i>p</i>
Percepção do Impacto das TIC	0.84	116	.401

V - Discussão

Sabe-se que a utilização tecnológica tem vindo a assumir um importante papel em diversas mudanças societais e na própria família. Deste

modo, revelou-se pertinente estudar nas famílias com filhos adolescentes a relação entre a utilização das TIC e o funcionamento familiar. Relativamente aos resultados obtidos verificou-se, primeiramente, a existência de dois grupos distintos de utilizadores das TIC, atendendo à frequência e diversidade da utilização tecnológica (Brandtzæg, 2010). Foi identificado um grupo maioritariamente constituído por pais (GUT) e outro grupo predominantemente composto por filhos (GUE). Para além desta diferença entre os dois grupos distintos de utilizadores das TIC, verificou-se ainda uma distinção entre ambos no que se refere à categoria mais frequente de utilização das TIC. Assim, no GUT verificaram-se elevadas percentagens na categoria *Nunca*, ou seja, a maioria do grupo não utiliza determinadas tecnologias como, por exemplo, o *smartphone*, a videoconferência e o computador portátil, enquanto que no GUE se constatou um maior equilíbrio entre as quatro categorias criadas (*Nunca*, *Semanalmente*, *Até 3 horas por dia* e *Mais de 3 horas por dia*). Estes resultados acabam por corroborar os resultados de um estudo anterior de Sala e Blanco (2005) que concluíram que existe um conhecimento e utilização mais avançados por parte dos jovens e uma clara desvantagem nos pais, relativamente à utilização tecnológica.

A partir da identificação destes dois grupos foi posteriormente comparado o funcionamento familiar e o impacto das TIC na família, concluindo-se que os dois grupos de utilizadores das TIC reportam de um modo geral diferenças ao nível do funcionamento familiar, o que não se verificou em termos do impacto das TIC na família. De um modo mais específico, estes resultados apontam para um melhor funcionamento familiar no caso do grupo de utilizadores especialistas, o que de certo modo acaba por corroborar a investigação que tem demonstrado que a aproximação entre os elementos do agregado familiar pode estar relacionada com a frequência e diversidade de utilização das TIC (Cardoso et al., 2008).

Ao nível do funcionamento familiar, é ainda de realçar que, de acordo com os resultados obtidos, existem diferenças significativas entre os grupos de utilizadores das TIC (1) nas dificuldades familiares e (2) na comunicação familiar. Nomeadamente, verificaram-se no grupo dos utilizadores tradicionais mais dificuldades familiares e mais problemas na comunicação familiar. Este resultado é parcialmente corroborado pela literatura, uma vez que a diversidade de TIC utilizadas e o tempo de utilização destas parece estar positivamente relacionado com o aumento do nível de comunicação e conectividade (Cardoso, 2008; Mesch, 2009; Williams & Merten, 2011). No entanto, dado que a utilização e exposição às TIC pode acarretar riscos (Hertlein, 2012) e favorecer a ocorrência de conflitos intergeracionais (Mesch, 2009), hipotizou-se que o grupo dos utilizadores tradicionais apresentasse menos dificuldades familiares, o que não se verifica. Desta forma, a utilização das TIC não parece estar associada a maiores fragilidades nestas famílias, podendo, eventualmente, contribuir para a não existência de alguns constrangimentos face à versatilidade de utilizações (e.g., *proceder*

ao pagamento de contas online, fazer combinações através de dispositivos móveis em tempo real), que algumas das TIC possibilitam aos seus utilizadores (Stern & Meser, 2009; Sttaford & Hillyer, 2012).

No presente estudo não foram então encontradas diferenças ao nível da dimensão (3) recursos familiares. Dado que esta dimensão se refere às forças e capacidades que a família possui para se adaptar a novas circunstâncias, leva-nos a supor que mais do que a potencial influência que as TIC possam ter sobre a gestão de dificuldades, haverá variáveis inerentes a estes sistemas familiares (e.g., *qualidade do relacionamento pais-filhos*; Livingstone, 2007) suscetíveis de mediar esta relação na etapa do ciclo vital familiar em questão.

Procurando sistematizar os resultados encontrados, podemos afirmar que os sujeitos que compõe o GUT são sobretudo pais que utilizam as tecnologias de informação com menor frequência e em menor diversidade e que reportam um pior funcionamento familiar, mais dificuldades familiares e mais problemas na comunicação familiar. Inversamente, o GUE utiliza uma maior diversidade de TIC, com maior frequência, é sobretudo composto por filhos, embora haja um número considerável de pais que também façam parte deste grupo de utilizadores ($n = 19$), revela um melhor funcionamento familiar, menos dificuldades familiares e menos problemas na comunicação familiar. Os dados revelaram ainda que o GUT utiliza tecnologias conhecidas há mais tempo pelos sujeitos e dedicam-lhes menos tempo, já o GUE dá preferência a tecnologias mais recentes (Cardoso, Mendonça, Lima, Paisana & Neves, 2014; Hynes & Richardson, 2009; Pontes & Patrão, 2014). É ainda de notar que no GUE há uma preferência por tecnologias portáteis, eventualmente dada a sua comodidade (Pontes & Patrão, 2014) e por permitirem também passar um maior número de horas *online*.

Ao longo do tempo têm sido vários os estudos realizados acerca da perspetiva das famílias relativamente ao uso das TIC (e.g., Aponte, 2009; Cardoso et al., 2008; Mesch, 2003; Mesch, 2006; Mesch, 2009; Miranda, 2015; Nie, Hillygus & Erbring, 2002; Wang, Bianchi & Raley, 2005). De acordo com esses estudos podemos concluir que: (1) as TIC potenciam diferentes utilizações e funções (Brandtzæg, 2010); (2) o avanço da comunicação tecnológica pode enfraquecer a comunicação presencial, bem como a perda de interesse das relações no mundo real, diminuindo a interação familiar no quotidiano (Burkitt, 2002; Sharif, 2011); (3) a comunicação *online*, por outro lado, está também relacionada com uma crescente conexão social e bem-estar e, conseqüentemente, com a proximidade familiar e um maior nível de coesão e adaptabilidade (Cardoso et al., 2008; Mesch, 2006; Mesch, 2009; Valkenburg & Peter, 2009); por fim, (4) a comunicação *online* está, por um lado, relacionada com a aproximação do sistema familiar (Mesch, 2006) mas, por outro, também parece apontar no sentido do afastamento do mesmo (Miranda, 2015).

De um modo geral, as análises realizadas vão de encontro às vantagens ou consequências positivas, reportadas nalguns estudos, que as

TIC podem apresentar no sistema familiar. Conforme já foi referido, foi encontrado no GUE uma maior frequência de utilização das TIC e um melhor funcionamento familiar, o que pode de algum modo demonstrar um maior nível de coesão e de proximidade entre os elementos da família devido ao uso das TIC (Cardoso et al., 2008). Existindo por parte dos pais um maior conhecimento e uma maior compreensão relativamente à utilização das TIC, é natural que exista mais comunicação e menos dificuldades familiares no que se refere a estes aspectos, o que poderá ter repercussões noutros domínios do funcionamento familiar. Assim sendo, os resultados desta investigação não corroboram os resultados de estudos anteriores (Nie, Hillygus & Erbring, 2002) que postulam a existência de uma associação entre a utilização tecnológica e consequências negativas na vida familiar, designadamente ao nível da redução do tempo familiar e da intimidade (Mesch, 2003). Mesch (2003) defende inclusivamente que a frequência e o tipo de utilização da Internet estão negativamente associados ao tempo passado em família e positivamente relacionados com os conflitos intergeracionais e a diminuição da perceção da coesão familiar.

De acordo com a teoria da domesticação (Silverstone & Hirsch, 1992), verifica-se que nas famílias da presente investigação há integração das TIC dentro do sistema familiar. Nesta sequência, e com base no Modelo Multiteórico de Hertlein (2012), evidencia-se que a acessibilidade (variável ecológica) às TIC é elevada no GUE (*Mais de 3 horas por dia*) e em diversos tipos de tecnologias. Assim, as TIC parecem ser um meio de comunicação preferencial entre os utilizadores no GUE, o qual evidenciou menos problemas ao nível da comunicação familiar, o que pode eventualmente estar relacionado com a facilidade de contacto e de manutenção das relações no agregado familiar (variável relativa ao processo). Pode hipotetizar-se que a diferença estatisticamente significativa verificada entre o grupo mais jovem (GUE) e o grupo mais velho (GUT), ao nível da acessibilidade e uso (tempo de utilização) das TIC, se pode refletir numa maior prática e num melhor domínio das mesmas, pelo primeiro grupo. Assim, os mais jovens podem tornar-se *experts* tecnológicos e passarem a desempenhar diferentes funções e papéis (e.g., inversão na hierarquia de poder) no sistema familiar (variável relativa à estrutura).

Nos estudos preliminares realizados, visando contribuir para a validação e adaptação das escalas do SETF para Portugal, obtiveram-se resultados de consistência interna da FTAIS e da CFP que indicam níveis de fiabilidade reduzidos: no caso da FTAIS ($\alpha = .682$) e da CFP ($\alpha = .438$) (Pestana & Gageiro, 2008). Os resultados obtidos demonstraram assim que estas escalas são pouco fiáveis, o que implica a necessidade de um investimento futuro na melhoria destes instrumentos de avaliação. É de notar que, existia a intenção de comparar o GUT e o GUE relativamente aos problemas relacionados com as TIC identificados pelas famílias mas tal não foi possível dada a fraca fiabilidade da CFP. Em síntese, demonstrou-se assim a necessidade de continuar a desenvolver o instrumento SETF, já que a estrutura das escalas não se revelou fiável.

É de realçar que se tem assistido a uma grande evolução nos aparelhos tecnológicos. Atualmente, as categorias mais frequentes na amostra em estudo reportam-se ao *smartphone*, ao telemóvel e às redes sociais, sendo que o *smartphone* e as redes sociais são mais utilizadas pelos filhos adolescentes e o telemóvel pelos pais. Verifica-se assim que a população mais jovem tende a ser multifuncional, corroborando Brandtzæg (2010) relativamente à versatilidade de utilizações que alguns grupos de utilizadores evidenciam em relação às TIC. Estes jovens conseguem cada vez mais executar diversas atividades simultaneamente, como o uso do telemóvel, o acesso à Internet, a redes sociais e a aplicações existentes, enquanto os pais ainda utilizam o telemóvel, normalmente sem acesso à Internet nem às restantes aplicações.

Com o passar do tempo, parece que estamos perante uma fase de transição de famílias “tradicionais” para famílias “tecnológicas”, na medida em que parece verificar-se uma relação positiva entre a frequência de utilização das TIC e a aproximação familiar entre os pais e os filhos adolescentes. As famílias parecem ter mais atividades familiares e novas formas de comunicar e partilhar o tempo devido ao uso das TIC (Miranda, 2015).

Em síntese, este estudo pretendeu investigar e aprofundar a relação entre a utilização das TIC e o funcionamento familiar. De um modo geral, foi possível demonstrar uma distinção e heterogeneidade entre pais e filhos e, simultaneamente, explorar a relação entre a utilização das TIC e o funcionamento do sistema familiar nas famílias com filhos adolescentes. Em suma, parece existir alguma evidência de que o grupo de utilizadores caracterizado por um maior domínio e utilização das TIC revela um melhor funcionamento familiar, comparativamente ao grupo de utilizadores tradicionais das TIC.

VI - Conclusões

Dada a diversidade de estudos que incidem sobre a evolução da utilização tecnológica e os seus efeitos e consequências a nível familiar, decidiu-se realizar a investigação numa etapa do ciclo vital familiar onde, atualmente, existem tantas mudanças e preocupações ao nível do impacto da tecnologia. Assim, pretendeu-se aprofundar o conhecimento nesta área através de um estudo exploratório que comparasse o funcionamento familiar em diferentes grupos de utilizadores das TIC em famílias com filhos adolescentes.

Uma das vantagens da presente investigação prende-se com o facto de contribuir para a adaptação e validação das escalas do SETF para Portugal, envolvendo uma amostra com uma dimensão considerável. Além disso, tornou ainda possível identificar diferentes grupos de utilizadores das TIC atendendo ao perfil de utilização e compará-los relativamente a um conjunto de variáveis familiares particularmente importantes (funcionamento familiar,

comunicação familiar, recursos familiares e dificuldades familiares). De um modo geral, este estudo permitiu concluir que o Grupo de Utilizadores Especialistas evidencia um melhor funcionamento familiar, uma melhor comunicação familiar e menores dificuldades familiares, comparativamente ao Grupo de Utilizadores Tradicionais.

Contudo, convém salientar que a investigação aqui apresentada comporta algumas limitações, fazendo sentido destacar pelo menos duas delas. Em primeiro lugar, convém sublinhar que a distribuição dos pais e dos filhos pelos dois grupos de utilizadores das TIC identificados não é homogénea. Ou seja, um dos grupos (GUT) é composto na sua maioria por pais e o outro (GUE) é composto na sua maioria por filhos. Deste modo, a interpretação dos resultados deve ser feita com cautela e atendendo a esta diferença importante na constituição dos grupos, dado que pode criar enviesamentos na interpretação dos resultados. Em segundo lugar, a fraca consistência interna das escalas FTAIS e CFP fragiliza a avaliação efetuada com as mesmas e implica uma atenção redobrada, no sentido de melhorar a sua fiabilidade em estudos futuros.

Dada a natureza exploratória do presente estudo, definem-se como linhas de investigação futura a possibilidade de introduzir novas variáveis (e.g., *finalidade e contexto da utilização das TIC, significado atribuído ao uso das tecnologias, coesão familiar*) e de efetuar estudos com outras etapas do ciclo vital, nomeadamente: 1) analisar a etapa de formação do casal e a evolução deste com e sem a utilização das TIC e verificar o nível do funcionamento familiar; 2) outra etapa interessante a investigar diz respeito às famílias com filhos na escola, já que estes atualmente começam a dominar os aparelhos tecnológicos de uma forma muito precoce, experiente e conhecedora. Seria ainda pertinente explorar, através de um estudo qualitativo, o modo como as pessoas percebem a realidade virtual e não virtual, as vantagens e desvantagens que observam com a evolução da tecnologia e o que especificamente afasta ou aproxima o sistema familiar. Mostra-se também relevante realizar um estudo longitudinal, sobre a forma como o impacto das TIC varia em função dos significados atribuídos pelos utilizadores, de modo a entender especificamente quais as mudanças sentidas no funcionamento familiar ao longo dos anos.

Bibliografia

- Alarcão, M. (2000). (Des)Equilíbrios Familiares: Uma visão sistémica. Coimbra: Quarteto.
- Aponte, R. (2009). The communications revolution and its impact on the family: Significant, growing, but skewed and limited in scope. *Marriage & Family Review*, 45, 576-586. doi: 10.1080/01494920903396778
- Bacigalupe, G., & Buffardi, L. E. (2014). Technology in families and the clinical encounter: results of a cross-national survey. <http://doi.org/10.1111/1467-6427.12042>
- Bacigalupe, G., Camara, M., & Buffardi, L. E. (2014). Technology in families and the clinical encounter: Results of a cross-national survey. *Journal of Family Therapy*, 36, 339-358. doi:10.1111/1467-6427.12042
- Bacigalupe, G., & Lambe, S. (2011). Virtualizing intimacy: Information communication technologies and transnational families in therapy. *Family Process*, 50, 12-26. doi: 10.1111/j. 1545-5300.2010.01343.x
- Bauman, Z. (2000). *Liquid modernity*. Cambridge: Polity Press.
- Best, S. J., & Krueger, B., S. (2006). Online interactions and social capital: Distinguishing between new and existing ties. *Social Science Computer Review*, 24 (4), 395-410
- Brandtzæg, P. B. (2010). Towards a unified Media-User Typology (MUT): A meta-analysis and review of the research literature on media-user typologies. *Computers in Human Behavior*, 26(5), 940–956. <http://doi.org/10.1016/j.chb.2010.02.008>
- Burkitt, I. (2002). Technologies of the self: Habitus and capacities. *Journal for the Theory of Social Behaviour*, 32(2), 219–237. <http://doi.org/10.1111/1468-5914.00184>
- Cardoso, G., Espanha, R., & Lapa, T. (2008). Dinâmica familiar e interação em torno dos media: autonomia dos jovens, autoridade e controlo parental sobre os media em Portugal. *Comunicação E Sociedade*, 13, 31–53. Retrieved from <http://revistacomsoc.pt/index.php?journal=comsoc&page=articl>

e&op=view&path%5B%5D=1143

- Cardoso, G., Mendonça, S., Lima, T., Paisana, M., & Neves, M. (2014). A Internet em Portugal. Sociedade em Rede 2014. *Publicações OberCom*
- Carvalho, J., Francisco, R., & Relvas, A. P. (2015). Family functioning and information and communication technologies: How do they relate? A literature review. *Computers in Human Behavior*, *45*, 99–108. doi:10.1016/j.chb.2014.11.037
- Carvalho, J., Francisco, R., Bacigalupe, G., & Relvas, A. P. (2016) *Questionário Famílias & Tecnologias Emergentes* (versão para investigação). Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra e Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa.
- Castells, M. (2003). *A Galáxia Internet: reflexões sobre a Internet, negócios e a sociedade*. Zahar.
- Cohen, J. (1988). *Statistical power analysis for the behavioral sciences* (2^a ed.). Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum Associates.
- Colley, A., & Maltby, J. (2008). Impact of the Internet on our lives: Male and female personal perspectives. *Computers in Human Behavior*, *24* (5), 2005–2013. Disponível em <http://doi.org/10.1016/j.chb.2007.09.002>
- Dinet, J., Marquet, P., & Nissen, E. (2003). Perceptions of the web. *Journal of Computer Assisted Learning*, (March), 538–545.
- Egea, J. M. O., Menéndez, M. R., & González, M. V. R. (2006). Diffusion and usage patterns of Internet services in the European Union. *Information Research*, *12*(2), 15.
- Ferreira, N. (2014). Autonomia , autoridade e confiança em tempo de novas TIC : atitudes e práticas diferenciadas entre os alunos do secundário, *XXVII*, 111–141.
- Haythornthwaite, C. (2005). Social networks and Internet connectivity effects. *Information, Communication & Society*, *8*(2), 125–147. Disponível em <http://doi.org/10.1080/13691180500146185>
- Hertlein, K. M. (2012). Digital dwelling: Technology in couple and family relationships. *Family Relations*, *61*, 374-387. <http://dx.doi.org/10.1111/j.1741-3729.2012.00702.x>.

- Houghton, D. J., & Joinson, A. N. (2011). Privacy, social network sites, and social relations. *Journal of Technology in Human Services*, 28, 74-94. doi:10.1080/15228831003770775
- Hynes, D., & Richardson, H. (2009). What use is domestication theory to information systems research. *Handbook of research on contemporary theoretical models in information systems*. IGI Global.
- Igartua, J. J., & Moral, F. (2012). Psicología de los médios: Panorama y perspectivas. *Escritos de Psicología*, 5, 1-3. doi: 10.5231/psy.writ.2012.3011
- Kaiser Family Foundation (2010). *Generation M2: Media in the lives of 8- to 18-year olds*. Menlo Park, CA: Author.
- Lanigan, J. D. (2009). A sociotechnological model for family research and intervention: How information and communication technologies affect family life. *Marriage & Family Review*, 45, 587-609. doi:10.1080//01494920903224194
- Lenhart, A., & Fox, S. (2006, July). *Bloggers: A portrait of the internet's new storytellers* [Report]. Retrieved March 15, 2011 from the Pew Internet & American Life Project website: <http://www.pewinternet.org/~media/Files/Reports/2006/PIP%20Bloggers%20Report%20July%2019%202006.pdf.pdf>.
- Lie, M., & Sørensen, K. H. (1996). Making technology our own?: Domesticating technology in everyday life. In M. Lie & K. H. Sørensen (Eds.), *Making technology our own?: Domesticating technology in everyday life* (pp. 1-30). Boston: Scandinavian University Press.
- Livingstone, S. (1999). New media, new audience? *New Media & Society*, 1(1), 59-66.
- Livingstone, S. (2007). Strategies of parental regulation in the media rich home. *Computers in Human Behavior*, 23, 920-941. <http://dx.doi.org/10.1016/j.chb.2005.08.002>.
- Johnsson-Smaragdi, U. (2001). Media use styles among the young. In S. Livingstone & M. Bovill (Eds.), *Children and their changing media environment: A European comparative study* (pp. 113-141). Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum Associates.

- Jovens-estao-a-beber-menos-e-isso-pode-ter-a-ver-com-crise-1725164 @ www.publico.pt. (n.d.). Retrieved from <https://www.publico.pt/sociedade/noticia/jovens-estao-a-beber-menos-e-isso-pode-ter-a-ver-com-crise-1725164>
- Mazur, E. (2005). Online and writing: Teen blogs as mines of adolescent data. *Teaching of Psychology*, 32, 180-182. doi: 10.1207/s15328023top3203_7.
- Mesch, G. S. (2003). The Family and the Internet: The Israeli Case, 84(4).
- Mesch, G. S. (2009). Journal of Family Communication: Family Relations and the Internet: Exploring a Family Boundaries Approach.
- Milani, L., Osualdella, D., & Di Blasio, P. (2009). Quality of interpersonal relationships and problematic Internet use in adolescence. *Cyberpsychology & Behavior: The Impact of the Internet, Multimedia and Virtual Reality on Behavior and Society*, 12(6), 681–684. <http://doi.org/10.1089/cpb.2009.0071>
- Miranda, G. L. (2015). *Psicologia dos Comportamentos Online*. Lisboa, Portugal: Relógio D'Água.
- Nie, N. H., Hillygus, D. S. & Erbring, L. (2002). Internet use. Interpersonal relations, and sociability: A time diary study. In B. Wellman & C. Haythornthwaite (Orgs.) *The Internet in everyday life* (pp. 215-243). Oxford: Blackwell.
- Pestana, M. H., & Gageiro, J. N. (2008). *Análise de dados para ciências sociais: a complementaridade do SPSS*. (5ª ed.). Lisboa: Edições Sílabo.
- Polit-O'Hara, D., & Beck, C. T. (2006). *Essentials of nursing research: Methods, appraisal, and utilization* (Vol. 1). Lippincott Williams & Wilkins.
- Pontes, H., & Patrão, I. (2014). Estudo Exploratório Sobre as Motivações Percebidas no uso Excessivo da Internet em Adolescentes e Jovens Adultos. *Psychology, Community & Health*, 3(2), 90.
- Portugal, A., Sotero, L., Cunha, D., Vilaça, M., & Relvas, A. P. (2010, Outubro). *SCORE-15: Exploratory study of preliminary data in*

- a sample of Portuguese families*. Comunicação apresentada no 7º European Family Therapy Association Congress, Paris, França.
- Prioste, C. D. (2013). *O adolescente e a internet* (Doctoral dissertation, Universidade de São Paulo)
- Reddi, V. R. (2006). *Participatory Adult Learning, Documentation and Information Networking*. Retrieved 20 March, 2016, from http://www.unesco.org/education/aladin/paldin/pdf/course01/unit_13.pdf
- Relvas, A. P. (2003). *O Ciclo Vital da Família, Perspectiva Sistémica*. Porto: Edições Afrontamento.
- Relvas, A. P., & Major, S. (coord.) (2014). *Avaliação Familiar. Funcionamento e Intervenção* (Vol. I), Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra. doi: <http://dx.doi.org/10.14195/978-989-26-0841-9>
- Sala, X. B. & Blanco, C. S. (2005) Los niños y sus pantallas ¿quién será capaz de mediar. Comunicação apresentada no XX Congreso Internacional de Comunicación, Universidad de Navarra. Disponível em http://www.civertice.com/avance_resultados/cicom_bringue_sanchez.pdf
- Sharif, B. A. (2011). Trends in Digital-centric Society: Relationships and Health. *International Journal of Health, Wellness & Society*, 1(2), 205–217. Retrieved from <http://www.redibw.de/db/ebSCO.php/search.ebscohost.com/login.aspx?direct=true&db=a2h&AN=92985669&site=ehost-live>
- Silva, S. (2014). Mais de 70% dos jovens portugueses com sinais de dependência da Internet. Retrieved November 03, 2014, from <https://www.publico.pt/sociedade/noticia/quase-tres-quartos-dos-jovens-portugueses-apresentam-sinais-de-dependencia-da-internet-1674907>
- Silverstone, R., & Hirsch, E. (1992). *Consuming technologies : media and information in domestic spaces*. London: Routledge.
- Simões, M. R. (1994). Investigações no âmbito da aferição nacional do teste das Matrizes Progressivas Coloridas de Raven (M.P.C.R.).

- Tese de doutoramento não publicada, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade de Coimbra.
- Stafford, L., & Hillyer, J. D. (2012). Information and communication technologies in personal relationships. *Review of Communication*, 12, 290-312. doi: 10.1080/15358593.2012.685951
- Stern, M. J., & Messer, C. (2009). How family members stay in touch: a quantitative investigation of core family networks. *Marriage & Family Review*, 45(6-8), 654–676. doi:http://dx.doi.org/10.1080/01494920903224236
- Stevenson, O. (2011). From public policy to family practices: researching the everyday realities of families' technology use at home. *Journal of Computer Assisted Learning*, 27(4), 336–346. doi:10.1111/j.1365-2729.2011.00430.x
- Stratton, P., Bland, J., Janes, E., & Lask, J. (2010). Developing an indicator of family function and a practicable outcome measure for systemic family and couple therapy: the SCORE. *Journal of Family Therapy*, 32, 232-258. doi:10.1111/j.1467 6427.2010.00507.x
- Subrahmanyam, K., & Greenfield, P. (2008). Online communication and adolescent relationships. *The Future of Children*, 18(1), 119-146. DOI: 10.1353/foc.0.0006.
- Tapscott, D. (2009). The global internet generation comes of age. *World Future Review*, 1(March), 60–64. Retrieved from <http://www.wfs.org/futurist-update/futurist-update-2009-issues/march-2009-vol-10-no-3>
- Teijlingen, E. R., Hundley, V. (2001) The importance of pilot studies University of Surrey, Guildford (35).
- United Nations Development Programme. (2014). *United Nations Development Programme*. Retrieved 20 March, 2016, from <https://www.google.com/url?q=https://info.undp.org/docs/pdc/Documents/MWI/DRAFT%20MASTER%20ICT%20PLAN%20REPORT%203%20V3%2004022014.docx>
- Valkenburg, P. M., & Peter, J. (2009). Social consequences of the Internet for adolescents: A decade of research. *Current*

- Directions in Psychological Science*, 18(1), 1–5.
<http://doi.org/10.1111/j.1467-8721.2009.01595.x>
- Van Teijlingen, E. R., Rennie, A. M., Hundley, V., & Graham, W. (2001). The importance of conducting and reporting pilot studies: the example of the Scottish Births Survey. *Journal of advanced nursing*, 34(3), 289-295.
- Vaz, A. (2010). *As Tecnologias de Informação e Comunicação e a Inclusão dos Jovens no Processo de Globalização: Proposta de Cooperação Portugal – PALOP*. Dissertação de Mestrado, Instituto Superior de Economia e Gestão da Universidade Técnica de Lisboa, Lisboa, Portugal.
- Viana, C. (2016). Jovens estão a beber menos e isso pode ter a ver com crise. Retrieved May 03, 2016, from <https://www.publico.pt/sociedade/noticia/jovens-estao-a-beber-menos-e-isso-pode-ter-a-ver-com-crise-1725164>.
- Vilaça, M., Silva, J. T., & Relvas, A. P. (2014). Systemic Clinical Outcome Routine Evaluation (SCORE-15). In A. P. Relvas (Ed.), *Instrumentos de Avaliação Familiar – Funcionamento e Intervenção* (Vol. I, pp. 23-45). Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Zhong, B. (2013). From smartphones to iPad: Power users' disposition toward mobile media devices. *Computers in Human Behavior*, 29, 1472-1748. doi: 10.1016/j.chb.2013.02.016
- Wang, R., Bianchi, S. M., & Raley, S. B. (2005). Teenagers' internet use and family rules: A research note. *Journal of Marriage and Family*, 67, 1249-1258. doi: 10.1111/j.1741-3737.2005.00214.x
- Williams, A. L., & Merten, M. J. (2011). iFamily: Internet and social media technology in the family context. *Family and Consumer Sciences Research Journal*, 40(2), 150–170. doi:10.1111/j.1552-3934.2011.02101.x